



PÍLULA ESTIMULANTE: UMA DROGA LÍCITA

Final de dezembro. Milhões de “cabeças pensantes” estão na luta desenfreada para passar no vestibular. Muitos incrédulos, com o menos esforço, desistem e passam a fazer parte da porcentagem ociosa brasileira, que está aumentando a casa ano.

Paloma Mendes, agora com 19 anos, formada no colegial, desde o ano de 1993, foi um caso raro dentre milhões de vestibulares. Com apenas 16 anos, conseguiu passar em 2º lugar no curso de Medicina na UNICAMP – São Paulo. “No dia em que saiu o listão e vi que tinha conseguido a 3ª melhor nota, não acreditei, para falar a verdade, não imaginava que passaria no vestibular”, diz Paloma.

A euforia durou pouco, durante o primeiro ano na universidade, teve dificuldade em algumas cadeiras, principalmente de cálculos. Para não abandonar seu curso e desapontar seus pais, começou a tomar pílulas estimulantes, por indicação de colegas. “Aqueles pílulas não me deixavam desanimar, e depois que passei a ter resultados satisfatórios nos exames, comecei a achar que elas seriam minha “tábua de salvação”, confessa Paloma.

Porém, o que seria a “salvação” tornou-se um “pesadelo”. Paloma começou a abusar e a depender das pílulas estimulantes, ficando, assim exaltada e lunática. Passados 3 meses, ela foi internada num hospital em estado de como. Conseguiu se recuperar paulatinamente através de terapias.

Hoje Paloma luta na justiça, juntamente com outros jovens lesados, contra a fabricação dessas pílulas. “Acho um cúmulo este “veneno” ser vendido facilmente em farmácias”, protesta ela.

Infelizmente esta situação, no Brasil, que já se encontra caótica, tende a piorar, ou pela imprudência de jovens como Paloma, ou pelo descaso de seus governantes.

Lucélia B. Fritzen
3º Ano do Médio – Balneário Camboriú
1996